

Professoras e até delegado ajudam a convencer pais

A maior causa da fuga das salas de aula é a luta pela sobrevivência

● ITAPEVA (MG). Os casos de evasão escolar — dez, aproximadamente — foram facilmente resolvidos pelas professoras e o delegado Watson Vieira Pinho. Este ano, houve algumas ocorrências isoladas e também foram logo solucionadas. Mas no caso de dois meninos, os pais não obedeceram a determinação para que os filhos voltassem à escola e o problema foi parar no juizado da vizinha Camanducaia, sede da comarca, que vai convocá-los a depor e poderá abrir processo.

Itamar Siqueira de Carvalho, de 12 anos, filho do lavrador Joaquim Siqueira de Carvalho e da confeiteira Vicentina Ferreira de Carvalho, sumiu da escola desde junho. O pai, que tem seqüelas de um acidente no qual teve 22 fraturas, não sabe mais o que fazer e está preocupado. Segundo ele, Itamar é muito nervoso, não aguenta as provocações dos colegas e decidiu não mais ir às aulas. Ele já esteve três vezes prestando conta do caso ao delegado e agora vai ter de responder à Justiça.

— Já fiz de tudo, mas ele foge para não ir à escola. O menino apronta e complica a gente. Só se a Polícia vier buscá-lo todo dia. De qualquer forma, este ano ele já perdeu e estamos tentando pôr na cabecinha dele para ele voltar no ano que vem — exaspera-se Joaquim.

Outro que sumiu das aulas foi Adriano Domingues de Azevedo, de 12 anos, órfão de pai e cuja mãe, Maria Rosa Azevedo, cuida de três outros filhos menores e sobrevive com a ajuda de parentes. Logo que souberam do envio do caso à Justiça, Adriano voltou às aulas. Mas alega que é muito difícil estudar, já que trabalha todos os dias na colheita de batata. Enchendo 20 sacos de batata por dia, ele ganha R\$ 10. São cerca de R\$ 250 por mês, valiosos no orçamento da família.

— Gosto da escola e preferia apenas estudar, se tivesse um pai. Mas desse jeito desanima. Se não trabalhar, quem vai ajudar em casa, quem vai comprar roupa para mim? — indaga.

Marcelo Nazaré de Lima e Davi Inácio, ambos de dez anos, chegaram a abandonar as aulas durante um mês. Marcelo fora ajudar a mãe num barracão de beneficiamento de batata. Davi também sumira para ajudar no trabalho do pai, que é eletricista. Com a interferência das professoras, os dois garotos trocaram o serviço pelos cadernos.

Para as professoras, o esforço tem compensado. Rosângela Lemes da Silva, professora da primeira série, diz que é estimulante ter sempre todos os alunos na sala de aula, pois pode ter toda a turma no mesmo ritmo. Isabel Terreza de Miranda, da segunda série, também se sente gratificada.

— Os pais passam a acreditar que as professoras se importam com os alunos. E se conscientizam de que a escola pode dar a eles um futuro melhor — diz. ■